

Perdas compensadas no mercado interno

por David Lascelles
do Financial Times

A colossal provisão de 4,6 bilhões de libras (US\$ 7,4 bilhões) contra dívidas contraídas pelo Terceiro Mundo feitas pelos bancos de compensação britânicos em 1989 dominaram seus resultados na última quinzena. Dois deles, o Lloyds e o Midland encontraram-se até mesmo na situação incomum de ter mais em provisões, atualmente, do que em fundos de acionistas.

Entretanto, embora chamarativas, as cifras, na verdade, têm apenas interesse histórico. Como se expressou Sir John Quinton, "chairman" do Barclays na quinta-feira última, elas "assinalam o fim de uma era" porque os bancos de compensação podem dar baixa como perdas da maior parte destas dívidas se quiserem.

As questões mais urgentes enfrentadas pelos bancos de compensação têm a ver com o panorama imediato dos negócios, especialmente no Reino Unido, onde está baseada a maior parte de suas atividades, depois de muitos anos de entrincheiramento internacional.

Diante disto, os resultados domésticos destes bancos no último ano foram

bons e proporcionaram um contrapeso proveitoso às provisões referentes ao Terceiro Mundo. Os volumes de empréstimos cresceram e os lucros subiram em três dos bancos: 33% no Barclays, 15% no Midland e 6% no Lloyds. Mas uma análise mais detalhada sugere que o difícil clima econômico no Reino Unido está produzindo seus efeitos.

Os empréstimos pessoais se reduziram na medida em que os indivíduos apertaram os cintos diante de taxas de juros quase recordes. O efeito disto foi particularmente marcante no Barclaycard, maior operação britânica com cartões de crédito plásticos, onde os lucros caíram para a metade. Os empréstimos hipotecários também caíram.

A maior parte de crescimento nos empréstimos se concentrou no setor empresarial e segundo os bancos isto reflete aumentos nos empréstimos tomados na base do "desespero" na medida em que as empresas apelam para os saques a descoberto para compensar o declínio na receita. Os bancos de compensação reagiram à piora na qualidade de seus empréstimos elevando suas provisões domésticas em 1,6 bilhão de libras (US\$ 2,574 bilhões). As do Lloyds

triplicaram, as do NatWest dobraram e as do Barclays e do Midland foram elevadas em 50%.

Sir Kit McMahon, "chairman" do Midland diz estar "muito pessimista" por que as altas taxas de juros implicam num nível mais baixo de atividade bancária e níveis mais altos de dívidas arriscadas. "mas ponho fé de que nossos procedimentos creditícios vão suportar o teste" diz ele.

O que está ampliando as pressões sobre os bancos é a decisão que tomaram ano passado de começarem a pagar juros sobre contas correntes. O custo disto foi alto, variando de 28 milhões de libras (US\$ 45 milhões) para o Midland para 100 milhões de libras (US\$ 161 milhões) para o NatWest (razão porque suas operações bancárias domésticas não apresentaram aumento nos lucros). E o uso de taxas de juros e contas novas continuam sendo um importante fator competitivo.

"1990 vai ser o ano do poupadão" diz Brian Pitman, principal executivo do Lloyds Bank. Ele espera que os depósitos cresçam mais rapidamente que os empréstimos. E à medida em que estes depósitos substituirem um dispendioso financiamento via mercado monetário, pode-

rão efetivamente reduzir os custos de financiamento de seu banco, segundo ele.

Uma indicação sobre o tipo de concorrência que os bancos enfrentam no mercado doméstico veio do Abbey National, que anunciou seus primeiros resultados desde que se transformou de sociedade construtora em banco, no ano passado. O Abbey se especializou em mercados de empréstimos pessoais e hipotecários. Mas contrariando o fato de sua pequena experiência bancária, conseguiu elevar seus empréstimos em 24% e seus lucros em 21%, na medida em que não está tolhido por dívidas do Terceiro Mundo.

A forte vantagem do Abbey repousa na área de custos, cuja razão em relação à receita total foi de apenas 45,2%, em comparação com 63,5% para o Lloyds, o banco de compensação com melhor desempenho, e 72,4% para o Midland. Entretanto, todos os bancos procuraram baixar seus custos. O NatWest pretende reduzi-los em 200 milhões de libras (US\$ 321,7 milhões) nos próximos dois ou três anos, segundo Tom Frost, principal executivo. Isto vai envolver a redução em muitos milhares de seu pessoal.

De meados da década de 80 em diante eles vêm re-

cuando firmemente das posições internacionais altamente expostas que ocupavam a acompanhando uma fase mais fácil de expansão no Exterior. O motivo disto é que o mercado doméstico se mostrou mais seguro e mais lucrativo.

Em 1985, por exemplo, o Lloyds Bank tinha 58% de seus ativos no Exterior. No ano passado, isto caiu para 36%. A participação da receita com juros líquidos do exterior caiu pela metade, para 18%. Embora seja difícil de se dizer que proporção de seus lucros os bancos de compensação realizaram no exterior, no ano passado, devido ao peso impacto da dívida do Terceiro Mundo. Os analistas consideram ser pouco

provável que tenha sido mais do que 15%.

Os bancos pioraram as coisas para si no mercado doméstico ao reduzirem gastos todos ao mesmo tempo e acirrando a concorrência a níveis sem precedentes. A estratégia, porém, em certo sentido se justificava no ano passado: as margens de lucro que obtinham em seus negócios domésticos eram ainda consideravelmente maiores do que no exterior.

A margem de juros líquidos domésticos do NatWest de 5,2% foram mais do que três vezes superiores do que suas margens internacionais, que foram de 1,6%. Os bancos poderão precisar destas grandes margens caso a economia britânica e as perspectivas políticas não melhorem.